



Colecionando Mário de Andrade: biografia de um colecionador e de uma coleção

Juliana Akemi Andrade Okawati

Doutoranda em Ciência da Informação – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),
Florianópolis, Santa Catarina
Bolsista – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
 <https://orcid.org/0000-0001->
E-mail: julianaokawati@gmail.com

Cezar Karpinski

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina
 <https://orcid.org/0000-0001->
E-mail: cezar.karpinski@gmail.com

Resumo: Mário de Andrade (1893-1945), além de um dos mais importantes escritores brasileiros, é reconhecido por suas múltiplas facetas que têm inspirado gerações nos mais diversos campos de estudo. Neste artigo, exaltamos seu lado colecionador, bem como a prática de “arquivamento de si”, para então apresentar Carlos Okawati, conhecido pelo seu trabalho de preservação do legado marioandradino. Ele, que também é colecionador e bibliófilo, tem se dedicado a construir e manter um acervo de obras produzidas pelo e sobre o autor. Frente à sua história de vida, buscamos compreender os objetos/documentos – do arquivo pessoal e da coleção –, como portadores de vida social, de uma biografia, que conecta sujeitos. A partir da narrativa do colecionador marioandradino, destacamos a trajetória de alguns desses objetos, sobretudo livros, que revelam caminhos de encontro e aquisição, registrando a memória e informação de um tempo e espaço presente.

Palavras-chave: Mário de Andrade; Colecionismo; Arquivos Pessoais; Memória e Informação.

Collecting Mario de Andrade: a biography of a collector and a collection

Abstract: Mário de Andrade (1893-1945), recognized as one of the most important Brazilian writers, left an immense legacy that inspired generations across various fields of study. In this article, we celebrate his collecting role and his practice of “self-archiving” in order to introduce Carlos Okawati, renowned for his work on Mario de Andrade’s legacy. As a collector and bibliophile himself, Okawati has dedicated himself to building and maintaining a collection of works produced by and about the author. Facing his life story, we aim to comprehend the objects/documents - from his personal archive and his collection -, as carriers of social life and biography, which connects individuals and subjects. Through the captivating narrative provided by the collector, we are able to unveil the fascinating trajectory of these objects, particularly books, revealing the paths of encounter and acquisition, while documenting the memory and information of a present time and space.

Keywords: Mário de Andrade; Collecting; Personal Archives; Memory and Information.

Texto recebido em: 17/05/2023

Texto aprovado em: 15/07/2023

Introdução ao legado mariandradino

Mário de Andrade (1893-1945) é personagem fundamental da literatura nacional, figura-chave do modernismo brasileiro e responsável por um imenso legado que segue inspirando gerações. Tércio (2019) descreve o autor a partir de uma dualidade que, ao mesmo tempo que se apresenta como singular, é plural.

Tantos contrastes num espírito criativo e dotado de imensa curiosidade intelectual tornaram Mário de Andrade um caso único na cultura brasileira. Autodidata com visão multidimensional, consciente de seu papel histórico, esteve no centro dos principais debates num dos períodos mais agitados do país, com polêmicas ardentes, grandes transformações urbanas, crescimento industrial, evolução da imprensa, crises e rupturas políticas. E, ao contrário da maioria dos companheiros de jornada, sempre manteve coerência de ideias e atitudes. (TÉRCIO, 2019, p. 11).

Na sua extensa trajetória de vida e produção encontramos contos, poesias, romances e ensaios, fato que lhe garante um lugar entre os autores brasileiros mais citados e reconhecidos, tanto no cenário nacional, como internacional, especialmente por sua obra-prima “Macunaíma: O Herói sem nenhum caráter”, de 1928 (OKAWATI, 2021). Para além de sua importância como escritor, estão suas múltiplas atuações enquanto musicólogo, folclorista, missivista, fotógrafo, crítico de arte e literatura, homem público e colecionador. É justamente sobre essa última qualidade que voltamos nosso olhar.

Em carta-testamento ao seu irmão Carlos Augusto de Andrade, Mário de Andrade confidenciou: “nunca colecionei pra mim, mas imaginando me constituir apenas salvaguarda de obras, valores e livros que pertencem ao público, ao meu país, ao pouso que eu gastei e me gastou” (ANDRADE, 1944. *Apud.* ALVARENGA, 1974, p. 35).

De acordo com Maria Regina Bettiol (2015), o colecionismo de Mário de Andrade representa um ato de humanismo, amor e generosidade para com seu país e os brasileiros. “Ao querer transformar um patrimônio pessoal, restrito a uma minoria em um patrimônio coletivo, aberto ao público, desejou democraticamente criar e incentivar políticas culturais que garantissem o acesso, a inclusão da sociedade brasileira aos bens culturais (BETTIOL, 2015, p. 67).

O escritor-colecionador, durante toda a vida, atuou intensamente na construção de seu acervo, hoje reconhecido como um dos maiores e mais importantes acervos pessoais mantidos pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP).

Sobre isso, Livia Buscácio (2015) ressalta que a biblioteca particular de Mário de Andrade é composta por 17 mil livros, um arquivo próximo de 8 mil cartas, manuscritos, fichas de estudos, além de uma significativa coleção de artes visuais. De acordo com a autora, o “excesso” dessa prática do “arquivo de si” é “possibilitada pela função-autor, já que é no efeito de legitimidade da autoria no sujeito, fazendo equivaler o nome próprio e o nome de autor que, de um nome de autor, pode ser projetado um arquivo mirando um futuro” (BUSCÁCIO, 2015, p. 318).

Em consonância com a perpetuação de um legado que resista ao tempo, Artières (1998, p. 12) ressalta que essa ação de “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”.

Assim, reconhecendo a “arte de colecionar”, bem como do “arquivamento de si”, tal como Mário de Andrade concebeu durante sua vida, nos debruçamos na construção de um acervo particular, motivado pela figura do autor. A coleção marioandradina em questão é formada por um diverso acervo - conjunto documental que, por vezes, assume o caráter de arquivo pessoal - que evidencia relações intrínsecas entre colecionador e colecionado.

Nessa perspectiva, apresentamos o londrinense Carlos Okawati, que há mais de meio século coleciona uma diversidade de materiais de e sobre Mário de Andrade. Conforme exalta Benjamin (1987), bem-aventurado é o colecionador que vive uma relação misteriosa, permeada pelo fascínio e excitação da aquisição de suas peças, que ganham sentido diante de seu agente:

Pois dentro dele se domiciliaram espíritos ou geniozinhos que fazem com que para o colecionador — e me refiro aqui ao colecionador autêntico, como deve ser — a posse seja a mais íntima relação que se pode ter com as coisas: não que elas estejam vivas dentro dele; é ele que vive dentro delas. E, assim, erigi diante de vocês uma de suas moradas, que tem livros como tijolos, e agora, como convém, ele vai desaparecer dentro dela. (BENJAMIN, 1987, p. 235)

O acervo em questão contempla tanto obras originais produzidas por Mário de Andrade, como em homenagem a ele. Nesta biblioteca particular encontram-se praticamente todas as primeiras edições publicadas desde 1917, além de exemplares autografados pelo próprio autor. Ademais, obras tais como edições especiais e internacionais somam-se a uma coleção de gravuras, pinturas, partituras, fotografias, objetos originais que aparecem permeadas por notas, anotações e produções do próprio colecionador. Isso é, seus arquivos pessoais aparecem profundamente conectados ao escritor e à produção marioandradina, de modo que o arquivamento de si (titular do acervo), na reflexão de Artières (1998), pode ser entendido também como um arquivamento do *outro* (Mário de Andrade).

Aqui, tanto o colecionador quanto a coleção tornam-se elementos de análise. O primeiro reporta-se à história de vida do sujeito que se dedicou – e ainda se dedica – a compor um valioso acervo material que se conecta a uma imaterialidade expressa na sua própria autoproteção. Trata-se de uma experiência autotélica em que o sujeito não somente manifesta, mas trabalha na própria construção do seu *self* (CAVEDON *et al.*, 2007). Em segundo lugar, ao considerarmos a “vida social das coisas” (APPADURAI, 2008), tratamos os objetos como agentes sociais, ultrapassando a mera função utilitária, produzindo novos significados. Logo, as coisas, tal como as pessoas, tornam-se possuidoras de uma biografia.

Metodologicamente, é importante destacar que, sendo próxima a realidade analisada, fato que em certa medida favorece a observação participante e um olhar etnográfico para o contexto, procurou-se distanciar-se e “estranhar o familiar” (VELHO, 1987).¹ Logo, objetivou-se a realização de uma pesquisa exploratória, bibliográfica e documental reconhecendo possibilidades de um olhar etnográfico para a questão.

Em primeiro lugar, fundamentamos teoricamente o tema colecionismo articulando sua relação com os arquivos pessoais, para então, por meio da observação participante e de uma proposta de entrevista com Carlos Okawati, demonstrar de que forma se concretizam as relações do colecionador para com os objetos da coleção. Para tanto, foram realizadas conversas prévias com o colecionador, que, em concordância com a proposta, ofereceu acesso absoluto aos itens da coleção. A análise documental se pautou especialmente nas matérias de jornais que reconhecem a notoriedade dessa coleção e/ou outros eventos

relacionados à atuação do colecionador, confirmando a relevância de pesquisa sobre o tema.

Em suma, aqui temos a possibilidade de conhecer tanto a biografia do colecionador quanto alguns objetos da coleção, sobretudo livros, que, para além da história impressa em suas páginas, registram a memória e a informação de um tempo e espaço presente conectando Carlos Okawati a Mário de Andrade.

O colecionismo e o “arquivamento de si”

Os estudos sobre as práticas colecionistas contemporâneas apontam para uma diversidade de direções que permeiam os campos da arquivologia, biblioteconomia, museologia, ciências da informação, antropologia, psicologia, etc. Tendo em vista a proposta biográfica que se apresenta a partir da formação de uma coleção marioandradina, primeiramente articulamos algumas relações diretas com os arquivos pessoais, que julgamos valiosas para análise, para em seguida aprofundar nos significados das coleções, suas trajetórias que se constituem como registro do passado e auxiliam na compreensão do presente.

É importante destacar que os arquivos pessoais tratam de um conjunto documental relativo à vida de um indivíduo e suas relações sociais. De acordo com Thais Svicero (2013), os arquivos pessoais aparecem diretamente relacionados aos seus titulares, evidenciando o individualismo para o desenvolvimento de biografias e valorização das mesmas. Isso é, ao se reconhecer os arquivos pessoais no campo historiográfico, tanto sujeitos notórios, como “comuns”, podem ser alvo e fonte para pesquisa, trazendo novas possibilidades de arranjos metodológicos e análises:

A vezes contraditórias, de uma forma que não é evidente no momento mesmo da acumulação. Trata-se, assim, de uma memória particularmente propícia à implosão do indivíduo único e coerente das narrativas autobiográficas, ainda que muitas vezes representativa de um esforço semelhante de produção dessa unidade (HEYMANN, 1997. *Apud.* SVICERO, 2013, p. 230).

Ainda que a ideia de arquivos pessoais, ou arquivos privados, esteja relacionada à produção e/ou recebimento de documento por uma pessoa física (BELLOTTO, 2004), esse conceito parece expandir-se ao passo que entendemos que, mesmo se tratando de um objeto (documento), à priori produzido pelo *outro*, é possível a este assumir uma nova função, ao passo que adentra a vida pessoal do novo titular. Por exemplo, a mera aquisição de um livro não necessariamente o inclui como parte de um arquivo pessoal, porém, um livro com marcações realizadas por uma ação de produção do sujeito, dentro de um contexto presente, ganha um novo significado e valor arquivístico.

Nesse sentido, se coloca o desafio de assimilação entre arquivos pessoais e colecionismo, que passa a ser analisado em seu contexto particular. Conforme explica Lopes (2007), o colecionismo contemporâneo se configura em um campo de produção que, gradativamente, vem se articulando a outras esferas de ação e reflexão.

Desde as correspondências das práticas de colecionismo com os ciclos de vida e atividade dos colecionadores, às formações culturais das coleções como repertórios de memória individual e coletiva nos *arquivos pessoais* e aos agenciamentos que os colecionadores operam desses repertórios em práticas e processos de patrimonialização, no contexto das políticas contemporâneas de valorização de bens materiais e imateriais (HEYMANN, 2009. *Apud.* LOPES, 2017, p. 129, grifo nosso).

Portanto, tanto a experiência de “arquivamento de si” (ARTIÉRES, 1998) como a prática colecionista se relacionam a diferentes lógicas, o que implica compreender a “plasticidade simbólica, uma certa capacidade de se apoiar em domínios diferentes, um razoável potencial de metamorfose” (VELHO, 1987, p. 33. *Apud.* LOPES, 2017, p. 133).

Por se tratar de um fenômeno mais debatido e comum, tanto no campo acadêmico como na própria prática social, podemos afirmar que hoje o colecionismo vive uma crescente popularização, conforme chama a atenção Célia Oliveira (2017). Ainda que o conceito de “coleção” esteja em constante debate, sem uma definição satisfatória, isso abre espaço para que cada pesquisador ou mesmo colecionador faça sua própria interpretação do que considera como coleção, baseado na sua

experiência (OLIVEIRA. *Apud.* PEARCE, 1993). No que tange à possibilidade da prática colecionista, para a autora, a internet fomentou esse movimento, uma vez que, por meio do ambiente digital, os colecionadores podem ampliar seus conhecimentos, adquirir, vender, trocar objetos, além de compartilhar e exibir suas coleções para um público mais amplo. No entanto, difere essa relação de uma mera ação acumuladora, ao passo que impacta e ressignifica a vida colecionador.

Sundström e Albuquerque (2020 p. 52) explicam que, enquanto a ideia de acúmulo se relaciona a um apego excessivo de um objeto qualquer, sem a preocupação de ordem e representatividade ou senso de continuidade, o ato de colecionar é associado “à busca, por meio de objetos, da representação de si próprio; à busca por manter continuidade social, por preservar para a posteridade e por estabelecer o autoconhecimento por meio de objetos”.

Complementa Benjamin (2009, p. 239) que é decisivo na “arte de colecionar” que o objeto seja desligado de suas funções primitivas, “a fim de travar a relação mais íntima que se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante”. Ele explica que, diferentemente do proprietário profano, o olhar do colecionador para os objetos é presentificado, ou seja, o mundo está presente em cada um de seus itens como um arranjo ordenado, algo inconcebível para uma “mente profana”. Esse arranjo está para o ordenamento e a esquematização comum das coisas mais ou menos como a ordem num dicionário está para uma ordem natural.

Basta que nos lembremos quão importante é para cada colecionador não só o seu objeto, mas também todo o passado deste, tanto aquele que faz parte de sua gênese e qualificação objetiva, quanto os detalhes de sua história aparentemente exterior: proprietários anteriores, preço de aquisição, valor etc. Tudo isso, os dados ‘objetivos’, assim como os outros, forma para o autêntico colecionador em relação a cada uma de suas possessões uma completa enciclopédia mágica, uma ordem do mundo, cujo esboço é o destino de seu objeto (BENJAMIN, 2009, p. 241).

Sobre o foco do colecionismo bibliográfico, Sundström e Albuquerque (2020) identificam três perspectivas de estudos em torno do tema: patológica, documental e financeira. As autoras notam que, no contexto da Ciência da Informação no Brasil, esses estudos se desenvolveram a partir da mediação da informação em diálogo com outras áreas evidenciando seu caráter documental.

O processo de institucionalização é carregado de carga simbólica, pois, no contexto privado, a coleção é tratada, por vez, como excentricidade, hobby, paixão e lazer, ao passo que, quando institucionalizada, a coleção é compreendida por meio de um viés documental, e passa a se considerar que ela representa importantes traços da cultura geral. (SUNDSTRÖM; ALBUQUERQUE, 2020, p. 269)

Conforme explicam as autoras, essa questão surge como problemática, especialmente, a partir do recebimento de coleções de acervos doados e suas possíveis abordagens, uma vez que é aí que ocorre a aproximação entre a reunião privada de coleções e a instituição pública.

Sobre isso, Murgia (2009) aponta para a necessidade de compreender os trajetos das coleções, a fim de construir uma base epistemológica às instituições “coletoras de cultura”, já que essas revelam os saberes e os fazeres próprios de cada instituição, além das práticas e representações sociais nas quais elas estão enraizadas. Para o autor, apenas identificando as origens das coleções será possível mantê-las e administrá-las, “resta saber a maneira pela qual, no mundo da cultura material, apresentando características próprias, o livro possa apresentar uma dinâmica singular na atividade do colecionismo como mediador entre o sujeito e a realidade” (MURGIA, 2009, p. 103).

Para Lopes (2017), conhecer as motivações de formação de uma coleção, mesmo que permeadas pela subjetividade dos sujeitos, pode nos levar a compreender a razão e modos pelos quais uma coleção é exposta, ou não. “Assim como os objetos adquirem biografias no processo de singularização relacional que estabelecem com seus possuintes, eles também moldam as biografias dos sujeitos, pela canalização dos impulsos individuais que os condicionam como bens culturalmente singularizados” (LOPES, 2017, p. 130). De acordo com o autor, é na medida em que tais objetos se tornam marcadores coletivos ou simbólicos que fortalecem seu potencial de patrimonialização cultural.

Assim, livros, que por si só integram informação e memória do seu tempo, aparecem aqui interligados a um outro tempo, que faz parte de suas trajetórias enquanto objeto, mediando uma relação intersubjetiva entre sujeito e realidade. Finalmente, se “os objetos falam”, tal qual apontam Cataldo e Loureiro (2019), é na história de vida, nas trajetórias percorridas pelo colecionador e pela coleção que a história social se manifesta.

Biografias: do colecionador à coleção

Reconhecido por muitos londrinenses como fã número um de Mário de Andrade, Carlos Okawati, ou Carlinhos, para os mais próximos, é um colecionador ativo tanto das publicações do escritor como de demais materiais produzidos sobre e/ou em homenagem a ele. Bibliófilo e leitor contumaz das produções marioandradinas, essa admiração ultrapassa as fronteiras literárias, uma vez que, além de reconhecer o autor como personagem fundamental da história cultural do país, entende este como um mentor de sua própria trajetória de vida. Conforme narra, seu primeiro contato com a obra do autor ocorreu há mais de 50 anos:

Meu primeiro contato com Mário de Andrade ocorreu exatamente no dia 04 de maio de 1971, data do meu aniversário de 14 anos. Nesse dia fui presenteado pelo meu pai com uma caixa de madeira contendo vários livros, entre os quais destacaram-se três publicações: Contos Novos, Aspectos da Literatura Brasileira e Macunaíma. Curioso pelas obras, perguntei ao meu pai (Kioto Okawati, ou Seu Paulo, como era chamado pelos amigos brasileiros) quem era o autor desses livros. Ele respondeu se tratar de um grande escritor paulistano que tinha participado da Semana de Arte Moderna de 1922 no Brasil. Apesar de pouco estudo formal, meu pai, filho de japoneses, era autodidata e mantinha grande interesse pela arte e cultura em geral, queria conhecer e compreender o país que lhe acolhera. Foi aí então que começava minha coleção marioandradina. (Depoimento oral, dez., 2020)

Carlos lembra que seu pai era colecionador de diversos itens, entre selos, postais, moedas, flâmulas, etc., sendo que essa relação de busca, similar à tarefa de um detetive, sempre o instigara desde a infância. Desde aquele tempo, tendo os livros como objetos de seu maior interesse, engrenou nessa atividade de busca e investigação ao se deparar com as leituras das obras de Mário de Andrade. Carlos se entusiasmará com as narrativas trazidas pelo escritor de prosa tão singular e, assim, sua admiração foi crescendo junto com a formação de uma coleção. Essa, que a princípio era formada por livros, se expandiu e diversificou-se, agregando uma gama de itens relacionados ao autor: revistas, jornais, fotos, quadros, CDs, DVDs, selos, postais, cédulas, moedas, cartões, esculturas, uma réplica da máquina de escrever de Mário de Andrade (modelo Remington 12 Standard) ainda em funcionamento, etc.

É difícil de explicar, tudo acontece quase que como uma sucessão inevitável de ordem cósmica. Em 1973, viciado no jogo de xadrez, passava o dia pensando no tabuleiro, o que me rendeu alguns prêmios como enxadrista, mas, por outro lado, também a reprovação nos estudos escolares. Meus pais, que sempre presaram pela disciplina japonesa de um bom estudante, me colocaram no supletivo para recuperar o ano, eis que fui matriculado na instituição educacional particular Colégio Mário de Andrade. Passada a fase e ingressando então ao Ensino Superior, comecei a cursar Psicologia, porém, acabei desistindo para fazer uma viagem ao nordeste brasileiro. Como um 'turista aprendiz', tive grandes experiências, entre a participação da 37ª Reunião Anual da SBPC, em Fortaleza, na qual conheci pessoalmente Florestan Fernandes, Celso Furtado e Darcy Ribeiro. Me impressionava os discursos daqueles que, voltando do exílio, traziam seus sonhos para construção de um Brasil justo e menos desigual, que me remetia a muitas leituras de Mário. Com a mente aberta, ao retornar então à minha cidade (Londrina), decidi por uma nova carreira ingressando no curso de Ciências Sociais, onde conheci (Eva) Maria de Andrade, coincidência ou não? Me encontrei ali, e nos casamos, tendo então três filhos. (Depoimento oral, dez., 2020)

A partir das narrativas do colecionador, percebemos que sua própria história de vida se conecta à construção de sua coleção, interpretada, por vezes, como destino de sua existência e, por outras, como destino das coisas. Neusa Cavedon *et al.* (2007, p. 367) partem da ideia de que “somos o que possuímos” e sugerem imaginar a coleção como um depósito, “onde foi acumulado tempo, energia, dinheiro e conhecimento intelectual. Todos esses acúmulos assumem as características do estilo de vida do possuidor e de sua identidade social”.

Para Oliveira (2017), os objetos assumem diversos papéis significativos na vida das pessoas e as práticas de colecionar atendem a algumas de suas necessidades. Segundo a autora, alguns estudos realizados por especialistas evidenciam a presença de uma predisposição possessiva que leva as pessoas a se envolverem com o colecionismo.

As práticas de colecionar assemelham-se, assim, a uma odisseia e cada coleção representa a narrativa de uma viagem, cheia de aventuras e peripécias. Os seus protagonistas são dotados de características extraordinárias e a sua história em conjunto, umas vezes calma, outras vezes atribulada, existe para ser contada. (OLIVEIRA, 2017, p. 178)

Os exemplos expostos pelo colecionador, além de reafirmar o que nomeia como “uma sucessão inevitável de ordem cósmica”, aponta para cenários históricos onde estão expressas realidades e ações que condizem em um tempo e espaço. A linha do tempo que parece ser traçada nesse primeiro momento para explicar o início da coleção se dissolve no restante do depoimento conforme o narrador faz conexões baseadas na trajetória de alguns objetos e, por isso, optamos por dividir essa exposição em dois momentos: relações profissionais e relações pessoais. O primeiro trata das experiências comerciais de aquisição dos livros e outros objetos da coleção, enfatizando os sebos como espaços de trocas, mediação e negociação. Já no que toca às relações pessoais, temos como base as vivências interpessoais, encontros entre sujeitos, vinculados a amizades e perspectivas futuras da coleção.

Relações profissionais: sebos, mediações e negociações

No âmbito profissional, Carlos Okawati atuou durante anos como professor de história da Rede Estadual de Ensino do Paraná. Paralelamente a esse vínculo, conciliando seus interesses pessoais, montou uma banca de jornal e, posteriormente, dois sebos na cidade de Londrina, nomeados de “Mário de Andrade I” e “Mário de Andrade II”, em homenagem ao autor. A primeira loja abriu as portas em 1997, dois anos depois veio o segundo sebo, tornando ambos pontos de encontro e trocas culturais que atraíam diversos estudiosos, pesquisadores e intelectuais na cidade de Londrina.

Antes da internet, obter informações e conseguir adquirir publicações era um caminho árduo e de muita paciência. Comprava livros através de cartas e telefonemas. Na década de 1990, tive a sorte de conhecer o gerente da Livraria Saraiva em Londrina, Leônidas Hipólito, personagem importante. Esse amigo livreiro tinha o contato com as editoras e me proporcionou a aquisição de muitas publicações de e sobre Mário de Andrade. Lembro que me ajudou a arranjar quase todas as publicações comemorativas ao Centenário de Mário de Andrade (1993). Naquele tempo trabalhava como professor e tinha uma Banca de Jornais e Revistas. Depois, como minha paixão sempre foram os livros, abri o Sebo Mário de Andrade I e depois uma filial Sebo Mário de Andrade II, um alfarrábio destinado a atender especialmente o público universitário. Esse espaço cultural riquíssimo me possibilitou conhecer muitos professores, alunos, colecionadores, artistas, escritores, jornalistas, pessoas envolvidas com a produção e divulgação de cultura. (Depoimento oral, dez., 2020).

Compreende-se que, naquele cenário do início da década de 1990, ainda sem a facilidade proporcionada pela internet de hoje, muitas das “descobertas” de livros raros e publicações especiais eram feitas por meio de ofertas diretamente aos livreiros, já que essa figura poderia estimá-lo e, assim, revendê-lo em seus meios. Seguidamente, enquanto dono do sebo, Carlos conta que recebia em primeira mão muitas obras importantes, sendo que, como colecionador, não deixava passar a oportunidade de acolher para si aquelas que se tratavam de Mário de Andrade. Uma relação controversa e, por vezes, fadada ao prejuízo, mas que lhe rendeu bons contatos e, por conseguinte, boas aquisições para sua coleção particular. Como bem afirma Moraes (2018, p. 39):

Em primeiro lugar, não se compra o que se quer, mas o que se pode e o que se encontra, como disse há pouco. É por isso que não se deve hesitar em comprar livros que aparecem raramente no mercado. Pode-se deixar para mais tarde os outros que aparecem sempre. Há livros que, apesar de raros e caríssimos, estão sempre girando de mãos em mãos, enquanto que outros, muito mais baratos, só aparecem uma vez ou outra. Não perder a oportunidade é uma sabedoria que só se aprende depois de muito tempo de observação do mercado.

Frente à complexidade de compra e venda, o autor indica a importância das boas relações entre os pares para encontro de obras raras e boas negociações. Sobre a relação mercantil, Appadurai (2008, p. 16) mostra quão relevante é o entendimento das dimensões históricas, sociais e culturais, já que “os modos como desejo e demanda, sacrifício recíproco e poder interagem para criar valor econômico em situações sociais específicas”. Assim, a mercantilização desses livros pode ser vista como processo que depende da interseção desses fatores temporais, culturais, sociais e também políticos, relevando outras faces dessas negociações.

Em São Paulo, era freguês antigo da Livraria Sebo Calil, assim, sempre que recebiam livros raros de e sobre Mário de Andrade, a proprietária me enviava cartas, às vezes, ligava me passando uma relação de livros e seus respectivos preços. Certa vez, me ofereceram a 1ª edição da *Paulicéia Desvairada*. Na época, vi aquilo como oportunidade única e, mesmo com limitação financeira, paguei um valor altíssimo, por esse que é o primeiro livro modernista brasileiro. Com certeza foi um bom negócio, ainda porque acredito que o livro valorizou e, hoje, valeria várias vezes o que eu paguei. Mas, isso não quer dizer que venderia. (...) Com o meu próprio Sebo, os contatos se expandiram, muitos dos frequentadores me passaram informações bibliográficas de e sobre Mário. Me presenteavam com livros do

autor, traziam revistas, jornais e até mesmo retratos pintados em homenagem ao Mário. (Depoimento oral, dez., 2020).

Em decorrência do nome dos Sebos “Mário de Andrade”, o que notoriamente destacava o interesse do proprietário, era comum a ele receber ofertas de obras do autor e outros materiais relacionados, desde obras exclusivas a itens mais comuns, como publicações de artigos em revistas, matérias de jornal, etc.

No final do século XX, com a ascensão da internet, ampliam-se os horizontes de compra e venda de livros à medida que a conexão digital se torna facilitadora na busca de exemplares não somente em nível local, mas também internacional. Diante desse cenário, Carlos conta que o mercado de livreiro passou por uma crise, o que o fez decidir por fechar as portas do empreendimento, retornando a ser apenas um freguês dos demais sebos que resistiram e se adequaram ao mercado, comumente investindo em tecnologia para comercialização online.

São poucos estabelecimentos que conseguiram se adaptar a esse novo modelo de mercado. O Sebo Capricho em Londrina é exemplo disso. Antônio Basques, Seu Toninho (proprietário) soube inovar e adaptar-se a esse mercado digital. Ainda hoje sou frequentador assíduo de sua loja física, que justamente se localiza ao lado do meu antigo estabelecimento (Sebo Mário de Andrade II). Sigo comprando ali, incentivando, para que nunca feche as portas, já que pra mim é uma verdadeira instituição cultural, onde ainda encontro com amigos. (Depoimento oral, dez., 2020).

Percebemos que, para esse tipo de consumidor colecionador, os sebos vão além de uma mera função comercial, sendo reconhecidos também como espaços culturais, lugares de socialização que promovem encontros entre livros e pessoas. Para Delgado (1999, p. 52), “debruçar sobre esse mundo visível e invisível que seus personagens quotidianamente constroem é caminhar por um território marcado por cultura e história, feito de pluralidade e uma variedade de vivências”. A autora apresenta uma cartografia sentimental dos sebos e livros, mostrando quão ricos são esses espaços compartilhados por bibliófilos, colecionadores, estudiosos e livreiros.

Contudo, assim como ocorre nos mais variados mercados, esses circuitos livreiros, ao adentrar a esfera digital, vendas e leilões online, por um lado, tornaram as negociações mais amplas e eficientes, mas por outro, deixaram as relações entre as partes mais superficiais e impessoais. De acordo com Carlos, atualmente, esse acaba sendo um dos principais meios para aquisição de obras raras e, ainda que com menor intensidade, segue proporcionando suas surpresas.

Uma vez, foi em um desses Leilões que comprei duas raridades, as primeiras edições: 'O movimento modernista' (1942) e 'Os filhos da Candinha' (1943). No entanto, ao receber o pacote do Correio, notei que o leiloeiro tinha se enganado e enviado um livro raríssimo 'Modinhas Imperiais (1930) no lugar do exemplar 'Os filhos da Candinha'. Era óbvio meu interesse pela obra, mas, mesmo assim mandei um e-mail para o leiloeiro explicando o erro de envio e me comprometendo a retornar o livro. Surpreendentemente, ele respondeu que, como ninguém havia dado lance por aquele livro, eu poderia ficar com o mesmo por um valor bem menor do que o proposto inicialmente. Além disso, o mesmo se comprometeu a me mandar o outro livro trocado (Os Filhos da Candinha). Aceitei na hora! Um erro bem acertado. (Depoimento oral, dez., 2020).

Igualmente, por meio de leilão online, Carlos fez uma de suas aquisições mais recentes: "Há uma gota de sangue em cada poema", de 1917. A primeira publicação de Mário de Andrade, paradoxalmente, foi a última obra a adentrar a coleção em 2020. A peça, que não acreditava ser possível encontrar, apareceu disposta e, apesar do alto valor de mercado, o mesmo entendeu que valia a pena seu empenho e esforço.

Não acreditei quando vi a obra disponível no leilão. Em toda vida, só sabia da existência de dois exemplares de particulares, não podia perder a chance. Já que o valor está fora do padrão de salário de um professor, fiz um empréstimo de 96 vezes para adquirir o exemplar. Não conto quanto paguei senão vão me chamar de maluco! (Depoimento oral, dez., 2020)

"O prazer de colecionar, a emoção de encontrar um livro procurado há anos, a volúpia de completar as obras de um autor, é, para o milionário que paga uma fortuna por um livro, a mesma do pobretão que encontra num sebo o volume sonhado" (MORAES, 2018, p. 23). E, talvez, a emoção do livro raro da qual Mindilin (1997) narra em "Uma vida entre os livros", seja um sentimento compreendido somente por aqueles que compartilham uma vida entre livros, como aponta o prefácio dessa obra.

Interessante é a maneira pela qual mostra o vínculo misterioso entre o caçador e a presa, como se uma finalidade criasse a atração pelo outro, de tal modo que o exemplar ansiosamente procurado durante anos acaba um dia se situando como que deliberadamente no caminho de quem o procura, segunda uma espécie de sorte especial: 'A gente procura o livro e o livro procura a gente' (CANDIDO, 1997, p. 10)

A respeito da obra marioandradina de maior destaque, “Macunaíma: O Herói sem nenhum caráter” (1928), o colecionador, além de se gabar de possuir três exemplares da primeira edição, conta que uma delas é especial, pois é autografada pelo próprio Mário de Andrade.

O primeiro exemplar de Macunaíma (1928) da editora Eugênio Cupollo consegui no Sebo Brandão em São Paulo no ano de 1985. Meu pai me ajudou a adquirir, se não me engano, 200 dólares na época. A segunda foi em Jaboticabal, fazia especialização na Faculdade São Luiz com aulas aos sábados de manhã e tarde. Numa dessas aulas, a professora passava o filme alemão ‘Uma cidade sem passado’, que já tinha assistido. Então, saí sorrateiramente e acabei indo à Livraria Acadêmica, próxima dali, fundada em 1931, no centro da cidade e, inacreditavelmente, encontrei várias raridades, entre elas a primeira edição de Macunaíma. Como ninguém o havia percebido ali ainda? Um mistério, por isso, sempre digo que alguns livros estão pra mim como eu estou para os livros. O terceiro exemplar, autografado, tem uma dedicatória (de Mário de Andrade) a Armando Sales de Oliveira, datada em 1934. Nesse período, era interventor federal, assumindo no ano seguinte o Governo do Estado de São Paulo. Era um nome para candidatura à presidência de 1938, que foi cancelada pelo Golpe de Estado efetivado por Getúlio em 1937 (Estado Novo). (Depoimento oral, dez., 2020)

Além das primeiras edições, o colecionador explica que há outros exemplares da mesma obra que são extremamente raros, seja pela tiragem mínima, ou por possibilidade de acesso, especialmente sobre aquelas obras lançadas por editoras internacionais.

Mas, pra mim, não só as primeiras edições são importantes. Tenho a segunda da editora José Olympio (1937), com capa de Di Cavalcanti; a terceira da Martins (1944), que, por sinal, é raríssima por causa da crise mundial da indústria de papel em consequência da Segunda Guerra (1939-1945); e, muitas outras. Além disso, a coleção de edições internacionais de Macunaíma é muito significativa, acredito que a mais completa que há. (Depoimento oral, dez., 2020)

De acordo com levantamento realizado por Okawati (2022), o acervo de livros dessa coleção particular parece ser a base que maior integra a bibliografia internacional de “Macunaíma: O Herói sem nenhum caráter”, reconhecendo livros traduzidos em 15 línguas diferentes (italiano, espanhol, francês, alemão, inglês, húngaro, polonês, dinamarquês, norueguês, tcheco, japonês, macedônio, coreano,

russo e turco), publicados em pelo menos 20 países estrangeiros. Carlos conta que muitas dessas obras foram adquiridas por mediadores, amigos que viviam em outros países, conhecidos que viajavam a esses países e até por meio de contato com embaixadas e consulados brasileiros nesses locais.

Com a internet, essa tarefa se tornou mais fácil, conseqüentemente facilitando o acesso às obras. Mesmo assim, na visão do colecionador, essa parece ser uma tarefa quase impossível para alguém que quisesse começar hoje sua coleção, já que muitas dessas obras estão esgotadas e nem mesmo diante de toda tecnologia estariam disponíveis.

Sobre os demais livros da bibliografia marioandradina, o colecionador diz possuir todas as primeiras edições, organizando-as dentro de seu acervo como “obras raras”. Contudo, o critério de raridade não se restringe à edição, uma vez que outros aspectos, tais como tiragens limitadas, editora internacional, característica específica, autógrafos ou notas presentes, etc., podem agregar valor à obra. Tal lógica individual de categorização e organização da coleção explicita a própria materialização da *self* do colecionador permeada por sua subjetividade (LOPES, 2017).

Relações pessoais: encontros, amizades e sonhos

Para além dos livros, outros objetos e experiências parecem ganhar importância na fala do colecionador. Tratam-se de relações pessoais, encontros que promovem a promoção do legado de Mário de Andrade. Sobre a ideia de legado, Luciana Heymann (2005) aponta para uma aproximação entre passado e futuro, porém sem igualá-los, o que permite a própria ressignificação desse legado ao longo do tempo. Nesse sentido, a coleção de artes visuais de Carlos Okawati ilustra uma tentativa de atualização e continuidade da própria coleção de Mário de Andrade.

Mário de Andrade colecionava retratos seus pintados e analisava as interpretações que cada artista revelava sobre sua personalidade. Grandes pintores como Anita Maffalti, Tarsila do Amaral, Lasar Segal, Candido Portinari, etc., puderam pintá-lo. Eu, dando continuidade a essa coleção, tenho uma série de retratos de Mário de Andrade feitos por artistas locais, contemporâneos em vários estilos e técnicas que

seguem representando suas múltiplas facetas. Também, lembrando que Mário foi pioneiro na criação de parques e bibliotecas infantis, teve a oportunidade de realizar oficinas com crianças e outras atividades em que elas retratavam Mário. Temos várias releituras diversas como 'Mário Roqueiro', 'Mário dançarino de frevo', 'Mário moderno', etc. (Depoimento oral, dez., 2020)

Vale mencionar ainda outros elementos interessantes da coleção, como esculturas, placas, cartões, posters, etc., que foram produzidos em homenagem a Mário de Andrade por diversos profissionais, ofertados a Carlos Okawati para composição de sua coleção. Não obstante, quando questionado sobre o item de maior importância no seu acervo pessoal, Carlos menciona uma “simples” revista, que não se destaca por seu valor comercial, mas sim por marcar um encontro entre sujeitos. Esse exemplo ilustra a carga simbólica atribuída ao objeto:

Em 1993, quando saiu a Revista nº51 da Biblioteca Mário de Andrade, em Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor, um dos artigos me chamou a atenção: “Relendo Mário de Andrade”, de José Bento Faria Ferraz. Entre tantas produções de pesquisadores e professores renomados, o último artigo da revista trazia um depoimento particular daquele que foi ex-aluno de Mário de Andrade e seu secretário particular de 1934 até 1945, quando o autor falecera. Mostrei a revista ao meu melhor amigo, o escritor bissexto Seicho Tokunaga, com quem uma vez por semana me reunia no ateliê do mestre da xilogravura Paulo Menten, outro marioandradiano ortodoxo. Foi num desses encontros que nos questionamos: residiria ele ainda em São Paulo? Buscamos na lista telefônica sem sucesso. Então, enviei cartas a diversos órgãos públicos da cidade de São Paulo e eis que um funcionário do Centro Cultural de São Paulo, que era conhecido do ex-secretário, me respondeu em carta que era conhecido do 'Zé Bento', como era chamado pelos amigos, e havia falado diretamente com o mesmo, que demonstrou grande interesse em manter o contato, enviando seu endereço pessoal para troca de correspondência. Assim, iniciamos um contato, trocamos correspondências, telefonemas por um bom tempo. (Depoimento oral, dez., 2020)

Dessa maneira, o texto produzido por José Bento Faria Ferraz² foi interpretado como uma possibilidade ímpar ao colecionador, que moveu não somente ele, mas todo um grupo londrinense marioandradiano. Em um trecho, Ferraz (1993, p. 171) comenta da responsabilidade de analisar a obra de Mário de Andrade, que é por si só “uma obra magnífica, elaborada paciente e firmemente, como quem constrói um “projeto de casa”, tendo como meta final o homem em sua universalidade de ser, que me sinto amedrontado, que me sinto pequeno diante do imperativo de escrever algo sobre ele”. Ele segue afirmando que mesmo aquilo que não pode compreender por completo “e que parece tão sem sentido e sem razão, se

ajunta numa ordem verdadeira” (FERRAZ, 1993, p. 171), ou seja, para além de um tempo e espaço pré-definido.

Assim, estabelecendo o diálogo com aquele sujeito que já não era considerado “somente” como um secretário, mas um amigo de Mário, foram realizadas trocas por correspondências, telefonemas em que conversavam sobre o autor, experiências e seus planos de vida, incluindo um encontro pessoal entre ambos, que se concretizou no ano de 2002, na cidade de São Paulo. Para a ocasião, Carlos mobilizara um grupo de londrinenses que contava com estudiosos, jornalistas, cinegrafistas, em busca de registrar o depoimento valioso de Zé Bento. O registro dessa experiência tomou forma de documentário: “Zé Bento, o amigo de Mário”³, ganhando notoriedade e repercussão, conforme expressa a reportagem “Visita ilustre – o amigo de Mário”, de Nelson Sato (2004), publicada no Jornal Folha de Londrina, anunciando a vinda do ex-secretário de Mário de Andrade à cidade:

É sobre essa convivência que ele vem de São Paulo para falar em Londrina, onde chega hoje (06/10/2004) e permanece até sábado para participar de várias atividades. (...) ele será homenageado no Colégio Padre Wistrimundo Roberto Perez Garcia (...). ‘Batizamos a biblioteca da escola com seu nome’ anuncia Okawati, que é diretor da instituição. Na biblioteca, será inaugurada uma exposição de livros de (e sobre) Mário de Andrade (...) Ainda, será exibido o documentário ‘José Bento, amigo de Mário’ no auditório da Associação Médica (Praça 1º de Maio). (SATO, 2004)

Em outubro de 2004, ainda colhendo os frutos do encontro e da amizade firmada com Zé Bento, Carlos o convidou para sua cidade natal, Londrina, promovendo uma homenagem ao ex-secretário de Mário no auge de seus 92 anos. A “visita ilustre” previa uma série de atividades como apresentações, mesa redonda, exposição, lançamento do documentário⁴, homenagens ao ex-secretário Zé Bento. Conforme recorda:

Zé Bento se emocionou com o convite. Com 92 anos veio acompanhado de motorista particular, enfermeira e a filha. Foram diversas homenagens, apresentações musicais, de capoeira e do coral infantil Kaingang, rememorando e valorizando a presença indígena daquela região. Inauguramos a Biblioteca José Bento Faria Ferraz em sua homenagem. No outro dia, fizemos um encontro no auditório da Associação Médica, onde artistas e estudantes londrinenses se apresentaram e fizeram suas homenagens também. Aqui, Zé Bento também encontrou com Aparecida Moraes, moradora da cidade (Londrina) que tinha sido aluna de Mário de Andrade no Conservatório Musical da cidade de São Paulo, além de ter tido aulas particulares de piano com Mário de Andrade. Conversaram sobre suas experiências,

impressões e relembrou aqueles tempos do início da década de 30. No final, levamos Zé Bento a uma visita ao Museu de Arte de Londrina, antiga rodoviária da cidade. (Depoimento oral, dez., 2020)

Em depoimento à Cristina Corte (2004) no Programa Especial Mário de Andrade, da Rádio UEL, Zé Bento comenta sobre a experiência vivenciada em Londrina:

Eu fiquei profundamente contente pela homenagem que os jovens, toda população de Londrina, através do amigo Carlos Okawati me prestou. É um rapaz muito bom, excelente, que me prestou todas as homenagens, coisa que eu não mereço. Me deixou profundamente grato. A minha devoção pelo Mário de Andrade é tão grande, tão grande, que me faltam palavras para dizer a falta que ele fez quando ele desapareceu. Eu fiquei meio desorientado quando ele faleceu. (...) Uma coisa que ficou na alma, é esse espírito de Mário (...) só os que conviveram podem sentir a falta que Mário fez na cultura brasileira. Uma falta tremenda! Certas coisas, certos espíritos culturais que ficam na alma brasileira para que alguém continue esse trabalho. (FERRAZ, 2004)

Menos de meio ano após sua visita à cidade de Londrina, Zé Bento falecia do dia 17 de março de 2005 na cidade de São Paulo, sendo expressivo o reconhecimento por seu exímio trabalho como secretário de Mário de Andrade a amor aos livros.

Figura humana de caráter irretocável, despido das ambições mundanas, essencialmente modesto e terno, nunca deixou perder dentro de si o menino humilde que um dia fora no interior de Minas, embora tenha convivido com figuras de primeira grandeza de nossa cultura e vida pública. Até o final da vida, continuou um leitor voraz, preocupado com tudo que envolvesse o universo dos livros. Sua vasta biblioteca, formada ao longo de mais de sete décadas, hoje pertencente à Universidade Estadual Paulista, campus Araraquara, atesta o lúcido intelectual que foi e a sólida formação humanística que ameculhou. (CORRÊA, 2019)

Carlos menciona o firmamento dessa amizade como um dos eventos mais significativos de sua vida. Além da recordação do amigo, guarda dois livros e um pôster da peça Macunaíma que ganhou de Mário Ferraz, filho de Zé Bento, após sua morte. Em Londrina, na cidade que acolheu Zé Bento, foram prestadas as homenagens póstumas quando o mesmo comemoraria seu aniversário de 93 anos, como descreve a reportagem “Ecos do Modernismo”, do Jornal Folha de Londrina:

A grandiosidade de Mário de Andrade à cultura brasileira ganha destaque (...) através de homenagem que o grupo de admiradores da

cidade (Londrina) de um dos maiores nomes do modernismo brasileiro fazem ao seu secretário José Bento Faria Ferraz, que morreu no ano passado e se estivesse vivo estaria comemorando 93 anos no próximo domingo. Personagem de um documentário realizado pelo grupo, em 2003, 'Zé Bento', como era carinhosamente chamado pelos amigos, representou o grande elo vivo com a obra de Mário. (NASCIMENTO, 2005)

Proclamava Souza (1993, p. 132) sobre a relação de Mário de Andrade e sua coleção: “o tempo vai passando rápido, a vida está findando. O colecionador se apressa e retorna ao pouso e à coleção”.

Imagine um quebra cabeça que não tem início, meio e fim. A busca incansável, anos e anos ao longo de meio século adquirindo suas peças sem ter certeza de quando ou como completar. Esse é o resumo da minha coleção marioandradina, que foi formada – ou melhor, ainda está se formando - que me lembra aquele lema popular 'sou brasileiro e não desisto nunca'. Como diria meu amigo Zé Bento: 'Mário de Andrade é uma Serra Pelada, cada vez e quanto mais você escava, mais novidade acha'. Aprendi isso com ele, não há limites para Mário de Andrade, seu espírito segue vivo para que os outros sigam com seus trabalhos e eu com uma coleção interminável. (Depoimento oral, dez., 2020)

Aqui, a “completude” aparece como “uma grandiosa tentativa de superar o caráter totalmente irracional de sua mera existência através da integração em um sistema histórico novo, criado especialmente para esse fim: a coleção” (BENJAMIN, 2009, p. 239). Ou seja, há uma ambição inerente ao colecionador que sonha em completar sua coleção, ao mesmo tempo que possui consciência dessa busca intangível, uma vez que estamos diante de uma perpétua expansão. Mário de Andrade, bem como seu legado, segue a todo vigor e, é nessa arte de colecioná-lo que reside a utopia da completude.

Considerações finais

A partir da biografia do colecionador Carlos Okawati e de sua coleção, buscamos apontar a dupla dimensão entre os arquivos pessoais e a prática colecionista que, além da salvaguarda do patrimônio cultural, convergem na mesma direção de promoção - direta ou indireta – do legado marioandradino. Procuramos evidenciar as relações de um com o *outro*, os caminhos que se inter cruzam, de encontro com o colecionador, logo, com a coleção, reconhecendo os múltiplos

cenários sociais, culturais, econômicos, etc., que se constituem como registro do passado e auxiliam na compreensão do presente.

A biografia do colecionador nos mostra que é exatamente na prática colecionista que o sujeito constrói sua identidade, orientando um movimento de busca e encontro para com os objetos da coleção, logo, com o colecionado. As escolhas e delimitações expostas, derivadas de sua própria narrativa, privilegiam experiências que conectam profundamente sua vida pessoal, logo, seus arquivos pessoais, a Mario de Andrade.

No contexto da bibliofilia, em que os livros se sobressaem como fonte de informação e memória, nota-se que, bem como o colecionador conta sua história, cada livro também o faz. Não somente por meio do conteúdo de suas páginas, mas por sua trajetória enquanto objeto. Tratam-se de biografias centenárias, de livros que foram preservados ao longo do tempo, comprados, vendidos, autografados, grifados, anotados, restaurados, etc., que indicam um longo caminho, comumente perpassado por sebos, livreiros, bibliófilos, colecionadores, etc., definido pelo colecionador como “coisa do destino”.

NOTAS

- ¹. A autora, enquanto filha do colecionador, acompanhou durante toda sua vida a construção da coleção marioandradina em questão. Embora, os depoimentos apresentados neste trabalho são fruto de uma entrevista realizada em Londrina/PR, na residência de Carlos Okawati e gravada em formato audiovisual, que abordou o tema “História da coleção marioandradina”, em dezembro de 2020.
- ². Secretário fiel de Mário de Andrade, Zé Bento guardou em segredo a correspondência do poeta por 50 anos, como era desejo deixado em testamento por ele. Em 1995, passados 50 anos da morte de Mário de Andrade, Zé Bento disponibilizou, via Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, IEB, todo esse rico material para a pesquisa científica. Após sua morte em 2004, sua família doou seu acervo à Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras - Câmpus de Araraquara – UNESP (BIBLIOTECA STERMAN-FERRAZ, 2020). Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/#!/biblioteca/acervo/colecoes-especiais/biblioteca-sterman-ferraz/>.
- ³. Zé Bento, o amigo de Mário. Direção e Edição: Luciano Pascoal. [documentário]. São Paulo: Mosca Azul Produções, 2003. 14 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=57JgB8XNmrM>.
- ⁴. A visita de Zé Bento. Direção: Carlos Okawati; Edição: Luciano Pascoal. [documentário]. Londrina: Projeto Repórter Cidadão, 2004.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Oneyda. *Mário de Andrade, um pouco*. Rio de Janeiro: J. Olympio; São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1974.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: O herói sem nenhum caráter*. São Paulo: E. Cupolo, 1928.

APPADURAI, Arjun (org.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, v. 11, n. 21, 1998.

A VISITA DE ZÉ BENTO. Direção: Carlos Okawati; Edição: Luciano Pascoal. [documentário]. Londrina: Projeto Repórter Cidadão, 2004.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV. 2004.

BETTIOL, Maria Regina Barcelos. O colecionar Mário de Andrade e a defesa do patrimônio artístico nacional. *Revista Literatura em Debate*, v. 9, n. 16, p. 57-68, 2015.

BUSCÁCIO, Livia Letícia Belmiro. A prática do arquivo de si no sonho para uma língua do/no Brasil em Mário de Andrade. In: OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de; VASCONCELLOS, Eliane. (org.) *Arquivos pessoais e cultura: uma abordagem interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.

CANDIDO, Antônio. Prefácio. In: MINDLIN, José. *Uma vida entre os livros: reencontros contra o tempo*. São Paulo: Edusp; São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 9-14.

CATALDO, Fabiano; LOUREIRO, Maria Lucia de N. M.; Afinal, os objetos falam? Reflexões sobre objetos, coleções e memória. In: ENANCIB - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 20., 2019. *Anais...* Florianópolis. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/951/707>.

CAVEDON, Neusa Rolita *et al.* Consumo, colecionismo e identidade dos bibliófilos: uma etnografia em dois sebos de Porto Alegre. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, 2007.

CORRÊA, Angelo Mendes. José Bento Ferraz: discípulo de Mário de Andrade. Portugal: *Bom dia Europa*, 2019. Disponível em: <https://bomdia.eu/jose-bento-ferraz-discipulo-de-mario-de-andrade>.

DELGADO, Márcia Cristina. *Cartografia sentimental de sebos e livros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FERRAZ, José Bento Faria. Relendo Mário de Andrade. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, v. 51, São Paulo, 1993, p. 171-178.

FERRAZ, José Bento Faria. *Especial Mário de Andrade: [gravação de áudio]*. Entrevistadora Cristina Cortes. Londrina: Rádio UEL, 2004.

HEYMANN, Luciana. *De 'arquivo pessoal' a 'patrimônio nacional': reflexões acerca da produção de 'legados'*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

LOPES, José Rogério. *Colecionismo, arquivos pessoais e memórias patrimoniais*. Porto Alegre: CirKula, 2017.

MARCOS, Roman. Colecionador londrinense tem obras raras de Mário de Andrade. *Folha de Londrina*. Londrina, 25 jul. 2020. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/colecionador-londrinense-tem-obras-raras-de-mario-de-andrade-3000695e.html>.

MINDLIN, José. *Uma vida entre os livros: reencontros contra o tempo*. São Paulo: Edusp; São Paulo: Companhia das letras, 1997.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. 5. ed. São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2018.

MURGUIA, E. I. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, n. esp. 1. sem., p. 87-104, 2009. DOI: 10.5007/1518-2924.2009v14nesp1p87.

OLIVEIRA, Celia. Coleções e colecionadores: as práticas de colecionar, motivações e simbologias. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 6, n. 12, 2017.

OKAWATI, Carlos. Entrevista I: *História da coleção marioandradina* [gravação de vídeo]. Entrevistadora Juliana Akemi Andrade Okawati. Londrina, 2020. 8 arquivos mp4. (60min.).

OKAWATI, Juliana A. A. Macunaíma pelo mundo: a internacionalização da literatura brasileira a partir de Mário de Andrade. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 18, 2022.

SUNDSTRÖM, Admerire da Silva Santos; ALBUQUERQUE, Ana Cristina. Colecionismo bibliográfico: contexto histórico, terminologia e perspectivas de estudo na ciência da informação. *Em Questão*, v. 26, n. 3, p. 250-275, 2020.

SATO, Nelson. Visita Ilustre: O amigo e Mário. *Folha de Londrina*. Londrina, 06 out. 2004. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/visita-ilustre---o-amigo-de-mario-507015.html>.

SOUZA, Gilda de Mello. O colecionador e a coleção. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, v. 51, p. 129-134, 1993.

SEREJO, Vitor; JUVÊNCIO, Carlos Henrique. Livro, identidade e memória. *Memória e Informação*, v. 4, n. 2, p. 193-210, 2020.

SVICERO, Thais Jeronimo. Os arquivos pessoais e sua importância como patrimônio documental e cultural. *Revista História e Cultura*, v. 2, n. 1, p. 221-237, 2013.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

ZÉ BENTO, O AMIGO DE MÁRIO. Direção e Edição: Luciano Pascoal. [documentário]. São Paulo: Mosca Azul Produções, 2003. 14 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=57JgB8XNmRM>.

Juliana Akemi Andrade Okawati é Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Mestra em Antropologia Social e Graduada em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialista em Políticas Públicas para la Igualdad en América Latina pelo Consejo Latino-Americano de Ciencias Sociales (CLACSO), Argentina. Especialização em Educação Inclusiva pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Cezar Karpinski é Professor do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre e Doutor em História pela UFSC. Especialista em História e Religião e Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

Como citar:

OKAWATI, Juliana Akemi Andrade; KARPINSKI, Cezar. Colecionando Mário de Andrade: biografia de um colecionador e de uma coleção. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 19, n. 1, p. 508-531, jan./jun. 2023. Disponível em: pem.assis.unesp.br.